



EPICURO: A BUSCA DA FELICIDADE REAL

PETERSEN, Pedro Trindade¹, MAFFEI, Alisson², NEUBAUER, Vanessa Steigleder³.

Resumo: Para Epicuro, sempre há um meio de ser feliz, o problema segundo ele é que as pessoas procuram isso em lugar errado, também diziam que não devemos nos sentir culpados por desejar uma vida prazerosa e divertida e prometia nos mostrar o caminho para ela. Seus apontamentos fazem uma análise indispensável e de suma importância a respeito de três pontos essenciais para a compreensão de sua filosofia, que são: o prazer, a felicidade, angústia, liberdade, a ausência de dor. Nesse sentido nos propomos a uma investigação com base em estudo bibliográfico, fundamentado nas obras de Epicuro, que nos proporcione reflexões relacionadas à questão da felicidade, a qual, segundo ele, não depende apenas do dinheiro, mas sim, que a felicidade advém do prazer que as nossas realizações nos proporcionam. Importa destacar que, para os filósofos que sucederam as ideias epicuristas, estes ficavam chocados com suas ideias sobre o “prazer”, por exemplo, o que permite uma problematização no que tange a questões como a luxúria e a extravagância. Portanto, no decorrer dessa investigação, volta-se às implicações relativas ao “exercício da vida”, o nosso existir numa concepção epicurista, segundo a qual, de que vivemos na angústia pelo fato de não sabermos o que nos faz feliz, e que podemos nos sentir atraídos por bens materiais, na crença que estes se tratam de felicidade. Uma prova importante, nesse sentido, é que o comportamento humano, nos dias atuais, volta-se cada vez mais ao consumo. *Num segundo* momento desse estudo dedica-se ao que o filósofo alude quanto à ideia de “felicidade”, entendendo a aproximação do horizonte da “liberdade”. Para ele a felicidade surge como a recompensa pela virtude, aproximando-se das ideias aristotélicas, entretanto, o homem muitas vezes virtuoso, não é feliz, e nessa proposição estrutura-se essa investigação, que percorre a filosofia epicurista na tentativa de entender por que o homem virtuoso não consegue apreender sua felicidade. Chegamos a ponderação que para esse autor a felicidade almejada pelo homem, é uma felicidade falsa, “superficial” e enganadora, diferente da felicidade que deve ser conquistada, a felicidade real, que verdadeiramente deve ser almejada pelo homem. Como tinha de preceito a ideia epicurista, é a ausência de dor. A consciência da dor e do prazer é o que faculta ao homem escolher causar dor ou prazer; a ética social epicurista, uma vez bem compreendida, leva a conclusão de que a consciência de dor e de prazer induz o homem a se furtar da dor, e, portanto, a evirar produzi-la injustamente a outrem, assim como a felicidade real, tendo em vista que o homem pode fazer o bem e se sentir feliz onde sua própria felicidade é sua maior recompensa, mas também pode fazer o “mal” e também se sentir bem com isso, esta é a felicidade virtuosa, como acima citada. Conforme Aristóteles: “O ponto de partida da ética, é a felicidade, por ela ser o bem supremo, o bem que é sempre escolhido por si”.

Palavra-chave: Felicidade. Liberdade. Exercício da vida. Reflexão.

¹ Acadêmico do Curso de Direito UNICRUZ. E-mail: pedro.petersen@hotmail.com

² Acadêmico do Curso de Direito UNICRUZ. E-mail: maffeialisson@gmail.com

³ Orientadora; doutoranda em Filosofia pela Unisinos; mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí; especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional pela Unicruz; graduada em Artes, especificidade Dança – licenciatura, pela Unicruz; docente da Unicruz; integrante do Grupo de Pesquisa Jurídica da Unicruz/GPJUR. E-mail: borbova@gmail.com